



## **CINEMA ACESSÍVEL: UMA PROPOSTA DE INSERÇÃO DE ACESSIBILIDADE FILMICA NA ESCOLA**

Francisca Jucieide de Oliveira

*Universidade Estadual do Ceará – [jucieide@hotmail.com](mailto:jucieide@hotmail.com)*

Darlei Bezerra Silva

*Universidade Estadual do Ceará – [dan7-@hotmail.com](mailto:dan7-@hotmail.com)*

Sara Rodrigues de França

*Universidade Estadual do Ceará – [sararodriguesdefranca@gmail.com](mailto:sararodriguesdefranca@gmail.com)*

Sara Mabel Ancelmo Benvenuto

*Universidade Estadual do Ceará - [sara.benvenuto@uece.br](mailto:sara.benvenuto@uece.br)*

**Resumo:** O presente artigo apresenta o projeto de extensão Cinema Acessível: uma proposta de inserção de acessibilidade filmica para pessoas com deficiência visual e auditiva, em desenvolvimento desde 2015 na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), Campi da Universidade Estadual do Ceará (UECE), coordenado pela professora Sara Benvenuto e composto pelos alunos de graduação do curso de Letras-Ingês/Licenciatura. A acessibilidade no cinema é uma ferramenta indispensável para que o público com deficiência visual e auditiva tenha acesso ao conteúdo audiovisual característico da obra cinematográfica através do recurso de audiodescrição e legendagem. Estes recursos possibilitam que esses espectadores construam suas leituras com autonomia e prazer estético, sobretudo em contextos de ensino-aprendizagem ao auxiliarem os recursos midiáticos utilizados por professores em sala de aula de Língua Inglesa. Segundo Araújo (2011) a audiodescrição é uma descrição adicional que narra a ação da cena, as expressões faciais, a linguagem corporal, os cenários, os figurinos, enfim, todos os elementos relevantes, verbais ou não-verbais. A legendagem para surdos e ensurdecidos contém além das falas dos personagens, a identificação do falante e as informações sonoras relevantes do filme. Neste trabalho, apontamos os objetivos do referido projeto, sua justificativa, metodologia, resultados provisórios e metas esperadas pela pesquisa em acessibilidade filmica e sua relevância em contextos de sala de aula inclusiva.

Palavras-chave: acessibilidade filmica, sala de aula inclusiva, ensino de língua Inglesa.



## **Introdução**

O projeto de pesquisa Cinema Acessível: uma proposta de inserção de acessibilidade fílmica, desenvolvido pelo grupo de Estudos LETRAA (Legendistas, Tradutores e Audiodescritores) da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), Campi da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Temos o objetivo de propor parâmetros sistemáticos para a produção de acessibilidade de obras audiovisuais na região Centro-Sul, assim como aproximar os estudos linguísticos da tradução à área de acessibilidade audiovisual e ao ensino de língua inglesa. Para isso, o projeto busca identificar os aspectos da linguagem cinematográfica relevantes para a audiodescrição e legendagem; avaliar filmes audiodescritos e legendados para pessoas com deficiência; contribuir para a formação de audiodescritores/professores e produtores culturais de acessibilidade no Brasil; desenvolver atividades que contribuam para o aprimoramento das habilidades de tradução audiovisual, audiodescrição, legendagem e adaptação fílmica no ensino de língua estrangeira; e atender os anseios audiovisuais dos professores inclusivos e das pessoas com deficiência na comunidade.

Em um mundo visual em que imagens exprimem significados produzidos através de revistas, livros, internet e redes sociais, o aluno com deficiência visual ou auditiva deve ser inserido de forma ativa, e a escola como fomentadora de formação de cidadãos precisa preparar seus docentes para fazer a leitura desse mundo e ensinar aos alunos a também fazê-la. A diversidade impõe às escolas e seus professores o dever de repensar a dinâmica em sala de aula, utilizando novas ferramentas que possam auxiliar para a realização satisfatória de tarefas, em especial a tarefa de promover o acesso a esse mundo visual repleto de imagens para todos os alunos, principalmente os deficientes visuais e auditivos. Pensando nessa dinâmica a audiodescrição e a legendagem são ferramentas que proporcionam o acesso do aluno com deficiência a esse universo.

Os professores de língua inglesa por utilizar em suas aulas geralmente recursos de mídias e áudios, devem ter especial atenção e procurar tornar suas aulas acessíveis para todos os seus alunos. Nesse contexto, a utilização de ferramentas pedagógicas inclusivas contribui bastante para a aprendizagem dos alunos com deficiência, removendo assim, barreiras comunicacionais no



ambiente escolar. Assim a audiodescrição e a legendagem podem transformar a escola em um ambiente cada vez mais propício para a manifestação da diversidade.

Em uma sala de aula o professor encontra várias diferenças entre seus alunos. Alguns dominam certas habilidades, outros não, sendo que o docente assume um papel desafiador ao ter que adaptar suas aulas de acordo com a variedade de alunos. Ao se depararem com salas inclusivas, que por vezes mesclam alunos cegos ou com baixa visão, surdos e alunos que não possuem deficiência física ou sensorial, os professores sentem a necessidade de reconsiderar toda a prática docente diante da presença de um ou mais alunos com deficiência em sala de aula de língua inglesa, Mc Cleary (2009) defende:

Professores já enfrentam um grande desafio ao precisar adaptar sua atuação em sala de aula à gama normal de diversidade que os alunos apresentam nas classes regulares: de níveis de atenção e preparo, níveis de motivação e estilos de aprendizagem. Numa classe inclusiva, além dessa diversidade comum, podem ser encontrados também alunos com baixa visão, com comprometimentos motores ou cognitivos, ou com surdez (MC CLEARY, 2009, p. 203).

Além disso, publicação da Portaria 310, de 27 de junho de 2006, proposta pelo Ministério das Comunicações, e a Consulta Pública, Notícia Regulatória e Relatório de Análise de Impacto AIR da Agência Nacional do Cinema (ANCINE); propõem algumas garantias de acessibilidade audiovisual para pessoas com deficiência visual e auditiva. A Portaria 310, que complementa o decreto 5.296 de 2004, regulamenta o acesso a filmes e programas televisivos, apesar de atender em maior parte apenas os surdos com o recurso de Closed Caption (transcrição da fala). A audiodescrição, por sua vez, acontece somente em alguns filmes e noticiários, e a janela de LIBRAS é aparente apenas em indicativos de classificação etária e publicidade eleitoral. Apesar de essa já ser uma iniciativa válida para acessibilidade audiovisual e mostrar um possível caminho para a inclusão social, a proposta ainda está muito aquém de atender os anseios culturais em processo de formação das pessoas com deficiência visual e auditiva, sobretudo dentre os agentes culturais. A pesquisa também se justifica pelo fato de que a UECE (CH) tem estudos consolidados sobre o tema TAV e acessibilidade (legendagem para surdos e ensurdecidos e audiodescrição), constituindo-se como a instituição que possui mais trabalho sem nível de extensão, graduação e pós-graduação na área.

O trabalho na universidade não se resume somente a pesquisas acadêmicas, mas também na oferta de traduções audiovisuais acessíveis em DVDs, em peças de teatro, em exposições de arte e



em eventos ao vivo. Uma reflexão sobre a inserção da AD na produção cinematográfica contribuirá para a compreensão de que parâmetros são necessários para se formar um audiodescritor e agentes culturais comprometidos com a acessibilidade e com a pesquisa. Ademais, devemos ressaltar o papel social da pesquisa, se considerarmos que os resultados poderão contribuir para a inclusão social das pessoas cegas ou com baixa visão no que concerne ao acesso e a uma melhor recepção de produtos audiovisuais, assim contribuindo para a acessibilidade aos bens culturais da humanidade que deveriam estar ao alcance de todas as pessoas da sociedade, sejam elas videntes, cegas ou com baixa visão, ouvintes, surdas etc.

É evidente que a constante exposição aos meios tecnológicos na nossa época tem contribuído para um novo modo de conceber a realidade. As diversas formas de captação e reprodução de imagens como câmeras, computadores, softwares de criação de vídeos e sites tornam possível a reprodução e divulgação de produtos variados, trazendo além de uma maior possibilidade e oportunidade de expressão, uma maior necessidade de público que assista, leia, escute, compreenda, comente e divulgue o que foi comunicado.

Segundo Payá (2007), mais de 94% da informação que recebem o homem e a mulher contemporâneos entra no cérebro pelos sentidos da visão e da audição, mais de 80% especificamente através da percepção visual. Sendo assim, a era digital impõe que textos multimodais alcancem o maior número de pessoas possível e que sejam, cada vez mais, acessíveis a todos aqueles que porventura os procurem. Contudo, observa-se no cenário atual, que pessoas com deficiência visual ou baixa visão são automaticamente deixadas fora desse sistema cultural. Daí a necessidade do recurso da audiodescrição destas obras para incluir todas essas pessoas nesse contexto cultural.

Em salas de aulas inclusiva, onde o aluno com deficiência estuda os mesmos conteúdos, da mesma forma que os alunos videntes, são necessários recursos que possibilitem a mesma aprendizagem também. É comum que os alunos com deficiência visual não tenham acesso às informações visuais, nos livros, slides e sobretudo nas audiovisuais que são o enfoque deste projeto de pesquisa, como nos trechos de filmes, vídeos, palestras, vídeo aulas que são reproduzidos em sala de aula como parte da sequência didática no ensino de Língua Inglesa.

A audiodescrição é um recurso apto a ser utilizado como ferramenta pedagógica nas aulas de Inglês, buscando proporcionar ao aluno cego a informação necessária sobre o conteúdo a ser



discutido, pois assim como todos os alunos, os deficientes visuais têm suas limitações em relação à aprendizagem de uma segunda língua.

[...] deve-se perceber que as pessoas com deficiência visual constroem seu conhecimento a partir dos mesmos conceitos e referências visuais daqueles que veem, mas o fazem de modo próprio: com suas experiências, através de todos os sentidos que possuem, como o tato, o olfato, a audição etc. As dificuldades para a pessoa com deficiência visual apreender o que está sendo exibido não decorrem da falta de referências visuais, mas da maneira pela qual estas lhes foram transmitidas de modo a formar seus conceitos. (MOTTA, 2010)

De acordo com Araújo (2011), a AD é a técnica utilizada para tornar acessíveis para os cegos o cinema, o teatro, a TV, exposições de quadros e outras formas artísticas envolvendo o campo visual. Em um filme, a AD é uma descrição adicional que narra a ação da cena, as expressões faciais, a linguagem corporal, os cenários, os figurinos, enfim, todos os elementos relevantes, verbais ou não-verbais. Geralmente, essa narração é inserida entre os diálogos e não interfere nos efeitos musicais e sonoros.

A intenção comunicativa da AD vai além de informar ao receptor o que está acontecendo de forma objetiva, ou seja, somente tratar sobre o que é captado apenas pela visão. Por isso, em uma AD que se limite apenas ao que pode ser percebido superficialmente, deixando de fora os elementos cinematográficos, como enquadramentos, pontos de vista e ritmo de montagem, corre-se o risco de ter uma tradução incompleta da obra, por não tornar evidente as estruturas típicas da linguagem do meio cinematográfico.

A AD não deve se sobrepor aos diálogos e a algumas trilhas sonoras do filme, considerando referido aspecto, cria-se uma restrição no tempo para audiodescrever. Tal fato pode ocasionar o risco de excluir do roteiro de AD elementos cinematográficos fundamentais, como enquadramentos, pontos de vista, movimentos de câmera, montagem entre outros.

Indubitavelmente, para uma audiodescrição satisfatória de uma obra audiovisual, isto é, sua tradução, é necessário conhecer efetivamente os aspectos intrínsecos de cada uma das partes, a fonte e o domínio. No presente caso, o processo de AD e a linguagem cinematográfica.

A legendagem, assim como a audiodescrição, é um recurso que os professores de Língua Inglesa podem utilizar em sala de aula a fim de tornar suas aulas mais inclusivas. Por ser uma



recurso audiovisual acessível, a legendagem contribui para que o aluno tenha um estímulo a mais na sua aprendizagem, procurando assim desenvolver a capacidade de associar os sons com seus significados através da estratégia de transcrição escrita de diálogos, música e tudo aquilo que for sonoro em um vídeo, slide, palestra, filme, assim incluindo o aluno surdo/ensurdecido no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com os trabalhos do grupo LEAD (CH-UECE), ao enveredar em uma criação cinematográfica é necessário estar ciente dos pressupostos técnicos, culturais e estéticos envolvidos nessa arte e dos poderes que ela exerce sobre seus espectadores. Dito isso, é ainda mais importante o trabalho daquele que se propõe a analisar e traduzir essas obras e criar parâmetros que atendam às deficiências tanto culturais quanto técnicas dos deficientes visuais. O processo de AD se divide em quatro etapas: elaboração do script com a ajuda de um consultor com deficiência visual, produção do roteiro com as marcações de início e fim das locuções, escolha do melhor locutor para determinada obra e, por fim, a gravação da AD no filme.

Embora esse procedimento descrito brevemente pareça simples, sabemos que envolve um leque de árduas escolhas no que diz respeito à elaboração do roteiro de AD e também na locução de vozes durante a gravação, visto que as modulações de voz também produzem significado e podem resgatar um ou outro aspecto da linguagem de câmera, efeito de montagem ou atmosfera do filme.

Assim, para entender melhor as prioridades na AD utilizando a linguagem do cinema, devemos ter em mente primeiramente a noção de imagens e sons no mundo audiovisual, ou seja, temos que entender melhor os elementos de um filme e sua interação com os espectadores.

Em um levantamento realizado pelo grupo LETRAA ficou claro que no Ceará, temos um pouco mais que 50 salas de cinema distribuídas em 4 municípios, na sua maioria dentro de complexos comerciais. Destas, nenhuma propõe oficialmente na sua grade de programação sessões com acessibilidade audiovisual, ou seja, com recursos de audiodescrição, legendagem ou janela de LIBRAS para pessoas com deficiência visual (PcDVs) e pessoas com deficiência auditiva (PcDAs). Esses dados, às vezes, podem ser interpretadas como uma falta de público cegos e surdos que se interessem por cinema. Esta crença é disseminada, normalmente, pelo senso comum e por alguns gestores comerciais que se valem da ausência de frequência da audiência de cegos e surdos nas suas salas de cinema para reiterar o descompromisso com a acessibilidade audiovisual.



De acordo com o último censo demográfico realizado e publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano 2010, a população do Brasil é de, aproximadamente, 190 milhões de pessoas. Deste total, quase 46 milhões possuem alguma deficiência, em sua maioria visual e/ou auditiva. Destes, aproximadamente 2 milhões estão no estado do Ceará entre os gêneros feminino e masculino.

Estes números indicam que essa falta de demanda, então, não reside na falta de público DVs e DAs ou muito menos na falta de interesse desses espectadores pelo cinema. Na verdade, o que esses números refletem é a barreira comercial que afasta e subjuga este público potencial do cinema ao perpetuarem o uso exclusivo para videntes e ouvintes no espaço de suas salas de projeção.

Buscando uma articulação entre ensino e pesquisa com as demandas sociais o projeto tem o objetivo de propor parâmetros sistemáticos para orientar futuro audiodescritores/professores a realizarem a audiodescrição e a legendagem de filmes nacionais ainda na etapa de realização filmica. O objetivo é fomentar o interesse docente e discente na pesquisa em acessibilidade audiovisual, bem como facilitar o acesso das produções audiovisuais para as pessoas com deficiência em contextos de sala de aula e de convívio social. Com o suporte teórico-metodológico da TAV e da teoria filmica, serão avaliadas as audiodescrições e legendagens já produzidas no estado para buscar um modelo sistemático de audiodescrição e legendagens de filmes e serão realizadas obras filmicas conjuntamente com suas respectivas audiodescrições e legendagens, para serem testadas tanto no ambiente escolar como em eventos culturais da comunidade.

### **Procedimentos Metodológicos**

O enfoque teórico adotado para esta pesquisa assume a proposta de analisar a audiodescrição e legendagem à luz dos estudos da teoria filmica (AUMONT, 1999; BORDWELL, 2012; MARTIN, 2010), e dos estudos de tradução audiovisual, em especial sobre audiodescrição (BENECKE, 2004; SNYDER, 2005; HYKS, 2005; MATAMALA, 2005; FRANCO, 2006; SILVA, 2009; ARAÚJO e BRAGA, 2011; JIMENEZ HURTADO, 2007 e 2010).

A primeira fase da pesquisa apresenta um caráter descritivo uma vez que pretendemos identificar os elementos fílmicos da narração relevantes para a produção e audiodescrição e legendagem de filmes e para a formação de audiodescritores/professores a partir da análise das audiodescrições e legendagens realizadas por diferentes grupos de acessibilidade audiovisual. A



segunda fase será exploratória, na qual acontecerá a realização das adaptações filmicas e respectivas audiodescrições e legendagens das obras adaptadas. Na terceira fase da pesquisa, as obras serão trabalhadas em contexto de sala de aula de língua estrangeira e em exibições abertas à comunidade em geral.

As duas fases da pesquisa são realizadas no Laboratório de Línguas Estrangeiras, nos espaços do campus da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI- UECE). A terceira fase será realizada em diferentes escolas e centros de ensino de língua estrangeira locais.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos os procedimentos da pesquisa bibliográfica, observação sistemática, utilização de questionários e formulários. Foram selecionados alguns dos filmes audiodescritos por diferentes grupos de acessibilidade audiovisual para constituírem o corpus da pesquisa.

Ressaltamos também nos procedimentos metodológicos, a observação de aulas inclusivas com recursos de audiodescrição e legendagem, e a análise da quantificação público participante dos eventos inclusivos, bem como a aplicação qualitativa de questionários pontuais com alunos e professores participantes da pesquisa.

Trabalhamos em maior extensão com curtas-metragens por propiciar uma agilidade no trabalho de acessibilidade e realização, além de possibilitar novas oportunidades aos realizadores estreados e contemporâneos.

Os roteiros elaborados para audiodescrição e de legendagens desses filmes também constituirão parte do corpus da pesquisa, pois, além de permitirem acesso ao registro escrito dos trechos narrados, deverão ser utilizados, por meio do software Subtitle Workshop, para a realização das novas locuções dos trechos de áudio anteriormente selecionados. Além destes, os roteiros de adaptação fílmica também servirão de base para a análise da tradução audiovisual.

## **Resultados e Discussões**

Em busca dessa acessibilidade, já desenvolvemos diversas ações inclusivas, procurando demonstrar a relevância da audiodescrição e da legendagem, bem como a necessidade de utilizá-las como ferramentas de acessibilidade em sala de aula, visando a inclusão de alunos cegos/ baixa



visão, bem como os surdos e ensurdecidos, em 2015, realizamos a I Sessão Fílmica Acessível em parceria com a V Mostra de Iguatu.

No ano de 2015, na V Mostra de Cinema de Iguatu, surgiu a ideia de oportunizar ao público deficiente visual uma experiência com o cinema. Dessa maneira, foi necessário apresentar a proposta de sessão acessível para duas escolas de ensino médio da cidade de Iguatu-CE, onde alunos com deficiência visual estavam matriculados. A proposta de sessão acessível foi realizada no Campus Multi-Institucional Humberto Teixeira, sede da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), no dia 17 de setembro de 2015.

O espaço foi pensado de maneira que a comunidade acadêmica também pudesse ter acesso à sessão audiodescrita. Para isso, foi divulgada a realização da primeira sessão acessível da cidade através de redes sociais e entre professores e alunos de outros cursos atuantes no Campus. Dessa maneira, a exibição dos filmes audiodescritos proporcionou à maioria do público vidente o primeiro contato com o recurso da audiodescrição. O primeiro curta-metragem exibido tem como título *Fricção Gradus* (2015), com direção de Francisco W. Maciel. Na sequência, foi apresentado o filme *Branco Elefantes* (2012), dirigido por Sara Bevenuto, e por último o filme *Abrigo* (2015), com direção de Cesar Teixeira. Após a reprodução dos três curtas-metragens, foi proposta uma discussão sobre a experiência das pessoas cegas com a audiodescrição, debate que contou com a participação dos diretores dos filmes, dos organizadores da V Mostra de Cinema de Iguatu e de um professor cego, que representou o público deficiente visual. A partir do debate, alguns aspectos a respeito da elaboração da audiodescrição dos três filmes foram discutidos, além de algumas pontuações acerca da importância da ferramenta audiodescrição para que pessoas cegas e com baixa visão tenham livre acesso ao cinema e outras expressões artísticas.

Em março de 2016, realizamos a produção das legendas para surdos e ensurdecidos do Cine às Escuras, Mostra Erótica de Cinema Acessível de Recife, em busca da inclusão audiovisual e social. O grupo legendou todos os filmes, procurando sempre não perder o foco que era fazer a associação de sons sem perder seus significados, bem como não atrapalhar a compreensão dos deficientes com relação a temática de cada filme. Um evento enriquecedor, em que foi possível a participação ativa dos telespectadores após cada sessão em forma de debate sobre a experiência de assistirem filmes legendados, e qual a contribuição desse recurso para a acessibilidade fílmica.



Tendo em vista as necessidades da nossa própria instituição sobre recursos acessíveis para seus alunos com necessidades especiais, o grupo LETRAA, formulou um mapa para auxílio dos seus integrantes a esses alunos deficientes visuais e auditivos, bem como disponibilizou ajuda para os professores, caso necessitem. Foi proposta uma divisão de horário em que cada período teria um integrante do grupo no Laboratório de Língua Inglesa para ajudar os colegas alunos com suas tarefas de sala, assim como as extra classe, oferecendo suporte em acessibilidade para esses alunos e para os docentes. Sabemos como é importante a participação do aluno em sala, bem como o seu desempenho em suas tarefas, e assim com essa postura, buscamos auxiliar o aluno com deficiência através de recursos acessíveis a sua plena participação estudantil em relação aos assuntos da faculdade, sempre com autonomia.

Partindo do pressuposto, como utilizar a audiodescrição como recurso acessível em sala de aula? Desenvolvemos um projeto, abordando a utilização da audiodescrição como ferramenta auxiliar nas aulas de Língua Inglesa.

Como o cinema é um campo onde a audiodescrição ganha diariamente seu espaço, selecionamos um filme do gênero comédia para ser audiodescrito. O riso é considerado um elemento crucial a ser audiodescrito em uma comédia, pois para um telespectador não vidente a interpretação desse elemento corre de maneira diferente em relação a um vidente. Como podemos notar nesse trecho:

[...] Emoções e sentimentos podem ser observados por meio de reações. Um suspiro, um sobressalto, os olhos marejados ou os lábios apertados são demonstrações palpáveis do que se passa com o espectador ao longo de um filme. O riso talvez seja o mais objetivo dos expedientes para a avaliação do sucesso de uma audiodescrição. A exibição de uma cena cômica pode resultar em uma demonstração prática da diferença entre uma audiodescrição informativa e uma audiodescrição sensível, pois as reações da plateia demonstram com clareza se a cena foi compreendida de maneira puramente racional ou preferencialmente emocional (CARPES, p.58. 2016).

Além dessas ações já realizadas, estamos organizando o primeiro Ciclo de Estudos em Tradução Audiovisual Acessível (CETAA), que acontecerá na FECLI com a participação de toda a comunidade acadêmica, assim como do público em geral, procurando debater obras audiovisuais acessíveis e aplicar recursos de acessibilidade na escola, destacando a importância dos mesmos para o desenvolvimento do aluno com deficiência no seu processo de aprendizagem. A exemplo da II



Sessão de Cinema Acessível, os filmes que serão exibidos estão em fase de seleção. Além da audiodescrição, esse ano será incluída a legendagem, recursos para proporcionar um momento cultural acessível para o público cego e/ou baixa visão, e surdos e ensurdecidos.

### **Considerações Finais**

Como a pesquisa ainda se encontra em andamento, não é possível demonstrar resultados conclusivos sobre a relevância da acessibilidade fílmica dentro dos contextos de sala de aula. No entanto, o quadro exemplificado de estudos e ações já realizadas e em planejamento revelam uma atitude positiva dos futuros audiodescritores/professores quanto as atividades de inclusão na realização fílmica e no ensino de língua estrangeira.

Ao final do projeto esperamos conseguir formar audiodescritores/professores, já que poderão utilizar essa modalidade de tradução audiovisual como ferramenta pedagógica na educação de pessoas cegas ou com baixa visão.

Além disso, não julgamos distante a formação também de pesquisadores em acessibilidade, já que os alunos participantes desta pesquisa também poderão fazer seus trabalhos de término de curso na área e poderão prosseguir seus estudos em nível de Pós-Graduação fazendo pesquisa acadêmica na área.

Dessa forma, esperamos reforçar o estudo sobre as produções acessíveis e sobre a realização de produções audiovisuais acessíveis dentro e fora de sala de aula, uma vez que somente com tentativas de promoção de produções inclusivas poderemos construir diretrizes para dar norte a esse novo momento social de acesso de TODOS os espaços de obras audiovisuais e, com isso, formar novos audiodescritores/professores, novos públicos, além de fomentar o apreço pelo ensino de língua estrangeira, pelo cinema e pela experiência e desfrute da arte como um todo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, V.L.S.; BRAGA, K.B. **Cinema de autor para pessoas com deficiência visual: a audiodescrição de O Grao**. In: Trab. linguíst. Apl. Campinas, vol.50, no.2 July/Dec. 2011.

AUMONT, J., BERGALA, A., MARIE, M., e VERNET, M.. **A estética do filme**. Trad. Marina Appenzeller, São Paulo: Papirus Editora, 1995.



AUMONT, J. e MARIE, M. **A análise dos filmes.** Trad: Marcelo Félix. Lisboa: Edições Texto e grafia, 2004.

CARPES, Daiana Stockey. Audiodescrição: **Práticas e Reflexões.** Editora Catarse, Ed. 1º Santa Cruz do Sul, 2016.

DELEUZE G. **A imagem-tempo.** Trad: Eloísa de Araújo Ribeiro; revisão filosófica: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FONSECA, R. **Feliz ano novo.** Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 2012.

JIMÉNEZ C. **Una gramática local del guión audiodescrito.** Desde la semántica a la pragmática de nuevo tipo de traducción.

In: HURTADO C. J. **Traducción Y Accesibilidad: Subtitulación Para Sordos Y Audiodescripción Para Ciegos: Nuevas Modalidades De Traducción Audiovisual.** Amsterdã: Peter Lang, 2007.

MCCLEARY, LELAND EMERSON (2009). O ensino de língua estrangeira e a questão da diversidade. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.) 2009. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialista.** São Paulo: Parábola.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello; ROMEU FILHO, Paulo. **Transformando Imagens em palavras.** São Paulo: Secretaria dos Direitos das Pessoas com Deficiência do Estado de São Paulo; 2010.

JIMENEZ HURTADO, C.; RODRIGUEZ, A.; SEIBEL, C. **Un corpus del cine. Teora y practica de la audiodescription.** Granada: Tragacanto, 2010.

PAYÁ, M.P. **El Lenguaje Cinematográfico En Taguetti Imagen Y Su Reflejo En La Audiodescripción.** In: HURTADO C. J. Um corpus del cine. Teora y practica de la audiodescription. Granada: Tragacanto, 2010.

PAYÁ, M. P. **La audiodescripción: traduciendo el lenguaje de las cámaras.** In: HURTADO C. J. Traducción Y Accesibilidad: Subtitulación Para Sordos Y Audiodescripción Para Ciegos: Nuevas Modalidades De Traducción Audiovisual. Amsterdã: Peter Lang, 2007.

METZ C. **A significação no cinema.** Trad: Jean-Claude Bernadet. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RAMOS, F. **Intro. Lendo as imagens do cinema.** Trad: Magda Lopes. São Paulo, ed. Senac. 2009.